

Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho”

Faculdade de Ciências e Letras

Campus de Assis

Relatório Final de Iniciação Científica

***HISTÓRIAS CRUZADAS DE MULHERES: UMA ANÁLISE BAKHTINIANA
VERBIVOCOVISUAL DE GÊNERO***

Patrícia Vieira Tersariol

(18) 99706-1839

patriciatersariol@gmail.com

Relatório Final de Iniciação Científica
PIBIC – Processo Número 169891/2018-6

Orientação: Luciane de Paula

Assis
2019

Resumo: O filme *Histórias Cruzadas* (2011) retrata a sociedade da década de 60, da cidade de Jackson, Mississippi. Nosso objetivo é analisar a maneira como as personagens constroem e alteram as suas identidades na relação de alteridade. Para isso, utilizaremos a teoria bakhtiniana e, principalmente, os conceitos de dialogia, sujeito, enunciado, ideologia, vozes sociais, forças centrípetas e centrífugas e ato. Além dos elementos verbais, buscaremos analisar os elementos visuais e sonoros, pois, entendemos a linguagem como sendo constituída por essas três dimensões. Para analisarmos um objeto estético perpassado de discussões sociais, também analisaremos os enunciados das personagens à luz das teorias que tratam das questões de gênero, raça e classe.

PALAVRAS-CHAVE: Bakhtin; gênero; ideologia; alteridade.

Abstract: The movie *The Help* (2011) portrays the 60s' society of Jackson, Mississippi. Our objective is to analyze the way the characters construct and change their identities in the relation of otherness. For this, we will use Bakhtin's theory, mainly, the concepts of dialogue, subject, enunciation, ideology, social voices, centripetal and centrifugal forces and act. In addition to the verbal elements, we will analyze the visual and sound elements, once we understand that the language is constituted by these three dimensions. In order to analyze an aesthetic object that is pervaded by social discussions, we will also analyze the character's enunciation by using the theories that deal with gender, race and class.

KEYWORDS: Bakhtin; gender; ideology; otherness.

1. Introdução, Justificativa e Objetivos

A presente pesquisa tem como objetivo analisar a construção da identidade de cinco personagens mulheres, Minny, Aibileen, Hilly, Celia e Skeeter, a partir de suas relações de alteridade, à medida que as suas histórias se entrecruzam. Também buscaremos analisar as vozes sociais que são materializadas pelas personagens, dado o contexto sócio-histórico, bem como analisar os seus enunciados partindo de uma perspectiva verbivocovisual da linguagem. Para isso, utilizaremos a teoria bakhtiniana, que não toma o discurso como sendo construído apenas pelas suas unidades linguísticas, mas como um suporte pelo e no qual as ideologias são materializadas. Portanto, é no enunciado das personagens que podemos tomar os seus valores ideológicos como palpáveis, o que contraria a ideia de que esses valores só existem de maneira abstrata. Portanto, quando as personagens enunciam, elas estão se posicionando diante dos enunciados alheios.

Para a análise do *corpus* da pesquisa, nos apoiaremos no conceito do nó patriarcado-racismo-capitalismo explanado por Heleieth Saffioti (1976), socióloga e estudiosa das questões gênero. Entendemos que o sistema de opressão que rege a sociedade é composto por três sistemas entrelaçados: o patriarcado, o racismo e o capitalismo. Cada sistema possui suas particularidades, porém, se sustentam mutuamente. Por conta disso, a identidade de um homem branco e rico e, conseqüentemente, a posição que ele ocupa na sociedade é muito diferente da identidade e posição ocupada por mulher negra trabalhadora. A questão central do filme *Histórias Cruzadas* é a relação entre as empregadas negras e as patroas brancas e como as primeiras são tratadas de maneira

desumanizada pelas segundas. Por isso, ao abordarmos a situação dessas mulheres, precisamos ter em mente que elas são oprimidas tridimensionalmente: por serem mulheres, por ser negras e por serem trabalhadoras.

O filme *Histórias Cruzadas* foi baseado em um romance homônimo de Kathryn Stockett e foi produzido em 2011, dirigido por Tate Taylor. O drama tem como objetivo apresentar um retrato da cidade de Jackson, Mississippi, na década de 60, período em que a segregação racial era prevista por lei nos estados do Sul dos Estados Unidos. Entretanto, também é um momento em que a luta pelos direitos civis ganha força com nomes como Martin Luther King Jr e Malcolm X, ou seja, há um embate entre duas forças opostas. Dessa maneira, são recuperadas as questões históricas, políticas e sociais desse período.

O drama é narrado por Aibileen, uma empregada doméstica que destaca que já cuidou de muitos bebês durante a sua vida. Sua melhor amiga é Minny, outra empregada doméstica, conhecida por ser uma ótima cozinheira, que, entretanto, é tratada de forma racista e segregacionista por sua patroa Hilly. Skeeter, uma mulher branca que acabou de se formar na faculdade, está em busca de emprego e consegue, como trabalho, a função de escrever para uma coluna que dá dicas de serviços domésticos no jornal da cidade. Sem saber a maneira correta de dar essas dicas, pois, nunca precisou realizar esses serviços, ela começa a conversar com as empregadas domésticas. Esse contato com as empregadas faz com que ela veja uma oportunidade para a realização de um desejo: a publicação de um livro. Então, ela propõe que as empregadas relatem como é trabalhar nas casas das pessoas brancas para que ela escreva e publique. Skeeter se mostra muito interessada em saber como é o “outro lado”, aquele lado que nunca teve voz. Isso faz com que ela sempre se mostre oposta às ideias de Hilly, sua amiga de infância, que tem como objetivo tornar obrigatória a construção de banheiros separados, do lado de fora das casas, para as empregadas negras. Minny é conhecida por ser mal-humorada e, após agir de maneira subversiva contra Hilly, é demitida. Porém, consegue emprego na casa de Celia Foote, uma mulher branca odiada por Hilly, que também subverte a ordem do *status quo*, ainda que de modo despercebido.

Dentro do filme, podemos perceber a dinâmica que se estabelece no embate entre os diferentes posicionamentos das personagens naquele contexto. De um lado, algumas das personagens discordam do sistema, porém, por conta de estarem na posição desfavorecida, não podem fazer muito pra mudar as coisas, de outro, uma mulher em posição privilegiada subverte a ordem patriarcal e abre uma brecha para subverter também a ideologia da supremacia branca. Dessa maneira, justifica-se a relevância social da pesquisa, uma vez que entendemos a arte como reflexo e refração da vida. Portanto, é na relação que as personagens vão estabelecer entre si que buscaremos entender a constituição de suas identidades, utilizando, principalmente, os conceitos de sujeito, enunciado, dialogia, ideologia, vozes sociais, forças centrípetas e centríguas e ato trabalhados pelo Círculo Bakhtin, Medviédev e Volóchinov.

2. *Histórias Cruzadas*: uma perspectiva teórica

2.1 A teoria bakhtiniana: a arte e a vida

Histórias Cruzadas apresenta uma narrativa que busca retratar a sociedade do estado do Mississippi na década de 60, a fim de denunciar a forte segregação racial que os negros sofriam na época. Herança de anos de escravidão e, posteriormente, de segregação legalizada, o filme, produzido em 2010, mostra de forma impactante o modo como os efeitos da escravidão persistiram até quase os fins do século XX.

É importante notar o interesse que há na produção de um filme com tal viés crítico na nossa década. No livro *Questões de Literatura e Estética*, Bakhtin (1988) afirma que “a obra é viva e significativa do ponto de vista cognitivo, social, político, econômico e religioso num mundo também vivo e significativo” (p. 30). Portanto, ao refletir sobre as questões apresentadas pelo filme, não podemos tomá-lo como uma obra isolada da vida real, mas como algo que parte do contexto e real e volta-se, também, para esse mesmo contexto. Segundo Bakhtin (1988),

A particularidade principal do estético, que o diferencia nitidamente do conhecimento e do ato, é o seu caráter receptivo e positivamente acolhedor: a realidade, preexistente ao ato, identificada e avaliada pelo comportamento, entra na obra (mais precisamente, no objeto estético) e torna-se então um elemento constitutivo indispensável. Nesse sentido, podemos dizer: de fato, a vida não se encontra só fora da arte, mas também nela, no seu interior, em toda a plenitude do seu peso axiológico: social, político, cognitivo ou outro que seja. A arte é rica, ela não é seca nem especializada; o artista é um especialista só como artesão, isto é, só em relação ao material (p. 33)

Desse modo, a arte possui a sua singularidade nesse rico movimento de reciprocidade com a vida. Vemos que o filme é penetrado por questões históricas, como, por exemplo, as *Leis Jim Crow* ou o lema “separados, mas iguais”, de modo que, a partir de um enunciado estético, é possível apresentar esses elementos históricos, sociais e políticos e continuar sendo uma produção artística. A partir do material audiovisual apresentado, é possível refletir sobre as relações entre os sujeitos situados na vida real, de modo que, “a obra e o mundo nela representado penetram no mundo real enriquecendo-o, e o mundo real penetra na obra e no mundo representado”, o que acontece não só “no processo de sua criação”, mas também “no processo subsequente da vida, numa constante renovação da obra e numa percepção criativa dos ouvintes-leitores” (BAKHTIN, 1988, p. 358-359).

Portanto, a teoria bakhtiniana nos ajuda a analisar a obra de arte de modo que penetra na vida e é também penetrada por ela. Em *Histórias Cruzadas*, vemos as personagens negras sofrerem segregação de maneira simbólica, como, por exemplo, no momento em que as empregadas servem a comida para as mulheres brancas que estão sentadas em suas mesas jogando. O contraste entre servir/ser servida, estar sentada/estar em pé, estar no centro/estar na periferia, nos leva a pensar nas relações reais em que os negros, na maioria das vezes, ocupam lugares periféricos na sociedade, em todos os âmbitos: político, social, econômico e, inclusive, espacial, como o filme mostrará com a

questão dos banheiros separados. Em *Discurso na vida e discurso na arte*, Volóchinov/Bakhtin (1926) afirmam que,

Na poesia, como na vida, o discurso verbal é o um “cenário” de *um evento*. A percepção artística competente representa-o de novo, sensivelmente inferindo, das palavras e das formas de sua organização, as interrelações vivas, específicas, do autor com o mundo que ele descreve, e entrando nessas interrelações como um terceiro participante (o papel do ouvinte). Onde a análise lingüística vê apenas palavras e as interrelações de seus fatores abstratos (fonéticos, morfológicos, sintáticos, etc.), a percepção artística viva e a análise sociológica concreta revelam relações entre pessoas, relações meramente refletidas e fixadas no material verbal. O discurso verbal é o esqueleto que só toma forma viva no processo da percepção criativa conseqüentemente, só no processo da comunicação social viva (p. 12).

Portanto, a análise artística e sociológica de uma obra de arte defendida pelos filósofos busca entender as relações vivas que são engendradas na obra, ou seja, não vemos como pertinente uma análise que busca descrever somente os elementos abstratos da língua, mas, por outro lado, buscamos observar como as as personagens do filme se constituem em suas relações e como essas relações também são existentes na vida, e tudo isso é perpassado, como dito acima, pela linguagem “no processo da comunicação social viva”.

2.2. A dialogia e a construção dos sujeitos

Assim como a vida e a arte têm uma relação mútua, em que uma adentra na outra, os sujeitos também não são algo isolado e, a partir disso, podemos observar uma palavra/conceito que é pilar para a teoria bakhtiniana: relação.

De acordo com Melo (2017), o sujeito é constituído “na totalidade de suas relações, o que envolve a formação social do psiquismo, sua integração contextual na sociedade e na história, seus atos responsáveis aí praticados e sua singularidade” (p. 102). Portanto, cada sujeito é único, conserva sua singularidade e age a partir de seu lugar insubstituível no curso da vida. Em *Para uma filosofia do ato*, Bakhtin (1993) explica o conceito de eu-para-mim do seguinte modo:

Eu-para-mim constitui o centro do qual surge ou flui meu ato realizado e minha auto-atividade de afirmar e reconhecer qualquer valor, porque esse é o único ponto em que eu participo responsabilmente no Ser único; é o centro de operações, o quartel general que dirige minhas possibilidades e meu dever no Ser-evento. É apenas desse meu lugar único no Ser que eu posso e devo ser ativo. Minha participação confirmada e reconhecida no Ser não é simplesmente passiva (a alegria de ser), mas é primeiro e antes de tudo ativa (o dever de realizar meu lugar único). (p. 78).

Assim, cada sujeito ocupa um lugar que não pode ser ocupado por nenhum outro sujeito. As suas relações com os outros sujeitos, com a vida e com a história são somente suas e, a partir daí, cada sujeito tem uma percepção própria sobre a realidade. Em *Histórias Cruzadas*, cada personagem que

analisaremos (Aibileen, Minny, Hilly, Celia e Skeeter), participam da vida de uma maneira diferente, ainda que compartilhem as mesmas experiências, como Aibileen e Minny, que são as empregadas domésticas que vivem imersas num contexto altamente racista, ou como Hilly e Celia, que são duas patroas brancas dependentes de seus maridos. Mesmo que vivam uma realidade parecida, cada sujeito só pode observar a vida a partir de um único ponto espacial e temporal.

Skeeter, a protagonista, quando busca entender de maneira aprofundada acerca da realidade das empregadas domésticas negras e o que elas sofriam diariamente em seus trabalhos para as famílias brancas, faz isso com o objetivo de escrever a partir do ponto de vista das empregadas, ou seja, são elas que tomam a voz e contam as suas próprias histórias. Desse modo, Skeeter assume uma postura de colocar-se no lugar do outro, pois enquanto mulher rica e branca, busca entender uma vivência totalmente oposta a sua própria vivência. Desde o começo do filme, Skeeter têm atitudes que mostram que ela se sente desconfortável com o modo como as empregadas são tratadas. Assim, quando ela decide ouvir as histórias das empregadas, ela age de maneira empática. Segundo Bakhtin (1993),

A empatia realiza alguma coisa que não existia nem no objeto de empatia, nem em mim mesmo, antes do ato de identificação, e através dessa alguma coisa realizada o Ser-evento é enriquecido (isto é, ele não permanece igual a ele mesmo). E esse ato-ação que traz alguma coisa nova não pode mais ser uma reflexão estética em sua essência, porque ela se transformaria em algo localizado do lado de fora da ação-realizadora e sua responsabilidade (p. 33).

Portanto, a singularidade do sujeito se encontra no fato de que quando ele busca analisar o mundo do ponto de vista do outro, faz isso sem deixar de existir como sujeito, isto é, passa a realizar uma ação em que é possível vislumbrar a vivência do outro, mas ainda permanece em seu lugar insubstituível, uma vez que “compreender um objeto” significa “compreendê-lo em relação a mim mesmo no Ser-evento único, e isso pressupõe minha participação responsável, e não uma abstração de mim mesmo” (BAKHTIN, p. 35). Desse modo, Skeeter, de maneira empática, ouve as histórias das empregadas negras e decide publicá-las em um livro, ou seja, a personagem não desaparece ao tentar entender a realidade das outras mulheres, mas toma uma atitude responsável em relação a elas, de modo que, do seu lugar único, essa foi a ação que ela poderia ter tomado naquele espaço e tempo.

O sujeito, entretanto, não é constituído somente por tal singularidade, mas é constituído a partir de suas relações dialógicas que se dão por meio da linguagem. De acordo com Bakhtin (2011), “a nossa própria ideia – seja filosófica, científica, artística – nasce e se forma no processo de interação e luta com os pensamentos dos outros”, de modo que “não pode deixar de encontrar o seu reflexo também nas formas de expressão verbalizada do nosso pensamento” (p. 298). A relação de alteridade, portanto, é um valor primordial para a análise pautada na teoria bakhtiniana, isto é, não é adequado analisar um sujeito de maneira a isolá-lo de suas interações sociais, pois, são essas relações que o constituem como tal. Assim sendo, a dialogia nos leva a pensar na categoria do outro.

No caso do enunciado estético aqui analisado, vemos que as personagens sofrem alterações em suas relações de alteridade, como, por exemplo, Skeeter consegue, a partir do contato que estabelece com as empregadas, entender a complexidade de suas vidas e o constante sofrimento que elas passam diariamente por conta do racismo ainda muito forte nos estados do Sul dos Estados Unidos. Se Skeeter não tivesse estabelecido essas relações, a sua visão de mundo seria completamente diferente, ainda que ela sempre tenha se mostrado como alguém que não compactuava com a ideologia racista, a sua visão seria muito limitada quanto à realidade daquelas mulheres reais. Por isso, o processo dialógico com os outros e seus pensamentos é o que nos constrói como sujeitos.

Como a relação entre os sujeitos de uma sociedade se dá na linguagem e pela linguagem, é necessário entender o processo dialógico tomando como material os enunciados. De acordo com Faraco (2009), a “dialogicidade é apresentada em três dimensões diferentes: a) Todo dizer não pode deixar de se orientar para o “já dito”; b) todo dizer é orientado para a resposta; c) todo dizer é internamente dialogizado” (p. 60). Dessa maneira, o enunciado não traz algo completamente novo, que nunca foi dito, pois, tudo o que enunciamos é resultado de todas as nossas relações, leituras, experiências, etc., isto é, aquilo que já foi dito penetra na formação do nosso pensamento, da nossa visão de mundo e, conseqüentemente, naquilo que dizemos. Além disso, o enunciado é responsivo, pois o falante já possui uma expectativa de resposta quando diz algo. Portanto, o enunciado se relaciona com o já dito e o que ainda vai ser dito, desse modo, “todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2011, p. 289).

À vista disso, podemos ver, por exemplo, em Hilly, que é a patroa mais racista entre as personagens apresentadas, que os seus enunciados sempre se relacionam com toda uma tradição escravocrata. Desse modo, ela corrobora com tudo o que já foi dito sobre os negros de maneira racista, materializando determinada voz social, ao mesmo tempo que espera uma aprovação da sociedade quanto às suas atitudes racistas, considerando que ainda vive em um lugar que, evidentemente, aprovaria tais atitudes. Por outro lado, Skeeter também age e enuncia contra a tradição racista, ou seja, responde aos enunciados de maneira subversiva, materializando outra voz social, ao mesmo tempo que espera uma resposta contrária às suas atitudes. De acordo com Faraco (2009),

As relações dialógicas são, portanto, relações entre índices sociais de valor – que, como vimos, consistem, no conceitual do Círculo de Bakhtin, parte inerente de todo enunciado, entendido não mais como unidade da língua, mas como unidade da interação social; não como um complexo de relações entre palavras, mas como um complexo de relações entre pessoas socialmente organizadas (p. 66).

Por isso, o conceito de dialogia e, conseqüentemente, de alteridade são basilares para refletir a construção do sujeito a partir de suas interações sociais dadas na linguagem e pela linguagem. Assim sendo, não pensamos ser pertinente analisar os enunciados como somente um conjunto de unidades

linguísticas, mas como produtos de relações dialógicas capazes de materializar os mais variados valores e posicionamentos. Segundo Volóchinov (2017), “toda palavra é um pequeno palco em que as ênfases sociais multidirecionadas se confrontam e entram em embate. Uma palavra nos lábios de um único indivíduo é um produto da interação viva das forças sociais” (p. 140).

Assim, a partir da palavra, que “é um pequeno palco”, vemos a interação e, conseqüentemente, a alteração e constituição das cinco personagens analisadas em suas relações de alteridade. No final do filme, vemos que as personagens passaram por um processo que as alterou como mulheres, seja enquanto mulheres brancas e ricas ou como mulheres negras e empregadas. O processo dialógico transformou a visão de mundo de todas elas, seja porque as patroas tiveram que lidar com as denúncias sobre o fato de que são desumanas com suas empregadas ou seja porque as empregadas agiram de modo subversivo, ainda que tímido, contra as suas patroas e o tratamento dado por elas. Vemos, então, o processo de embate entre as diferentes vozes sociais. De acordo com Faraco (2009),

Para Bakhtin, importa menos a heteroglossia como tal e mais a dialogização das vozes sociais, isto é, o encontro sociocultural dessas vozes e a dinâmica que aí se estabelece: elas vão se apoiar mutuamente, se interiluminar, se contrapor parcial ou totalmente, se diluir em outras, se parodiar, se arremedar, polemizar velada ou explicitamente e assim por diante (p. 58).

Dessa maneira, buscamos elucidar o conceito de dialogia para a teoria bakhtiniana. A dialogia não é somente o contato entre dois sujeitos diferentes, mas é a interação entre esses diferentes sujeitos, que carregam diferentes experiências do mundo, e a dinâmica que surge dessa interação. De acordo com Sobral, “só me torno eu entre outros *eus*. Mas o sujeito, ainda que se defina a partir do outro, ao mesmo tempo o define, é o ‘outro’ do outro: eis o não acabamento constitutivo do Ser, tão rico de ressonâncias filosóficas, discursivas e outras” (SOBRAL, 2005, p. 22). Assim, ao longo da vida, em cada relação estabelecida, o sujeito passa por alterações, demonstrando que a sua constituição é dialógica e se dá na e por meio da linguagem viva das situações reais de comunicação.

2.3. A ideologia materializada no enunciado e no ato

Como já reiteramos, para o Círculo de Bakhtin, o enunciado é muito mais do que a junção de elementos linguísticos a fim de estabelecer uma situação comunicativa. O enunciado é aquilo que encarna a ideologia, as vozes sociais, os valores axiológicos dos sujeitos, das sociedades, das instituições, isto é, o enunciado é formado no seio das relações sociais, econômicas, políticas e culturais de um determinado espaço e de um determinado tempo. Portanto, o enunciado é situado de maneira sócio-histórica. De acordo com Medviédev (2012),

Qualquer enunciado concreto é um ato social. Por ser também um conjunto material peculiar – sonoro, pronunciado, visual -, o enunciado ao mesmo tempo é uma parte da realidade social.

Ele organiza a comunicação que é voltada para uma reação de resposta, ele mesmo reage a algo; ele é inseparável do acontecimento da comunicação. Sua realidade peculiar enquanto elemento isolado já não é a realidade de um corpo físico, mas a de um fenômeno histórico. Não apenas o sentido do enunciado possui um significado histórico e social, mas, também, o próprio fato de sua pronúncia e, em geral, de sua realização aqui e agora, em dadas circunstâncias, em dado momento histórico, nas condições de dada situação social (p. 183).

Por isso, quando analisamos o enunciados de Hilly, por exemplo, vemos que os seus enunciados encarnam a ideologia racista e são, conseqüentemente, atos racistas contra as empregadas domésticas. A partir do que ela diz, surge a possibilidade de entender o contexto social e histórico do Mississippi da década de 60. Assim sendo, o enunciado se apresenta como um fenômeno histórico, não somente porque expressa determinada ideologia de determinado período, mas porque, na época, fez parte dos atos racistas e, com isso, realizou a manutenção do sistema racista. De acordo com Faraco (2009),

A linguagem aparece já apresentada como atividade (e não como sistema) e o enunciado como um ato singular, irrepitível, concretamente situado e emergindo de uma atitude ativamente responsiva, isto é, uma atitude valorativa em relação a determinado estado de coisas (p. 23-24).

A atitude valorativa também pode ser entendida como o posicionamento ideológico do sujeito. A ideologia, que é um termo tão mal compreendido na atualidade, não é assumida pelo círculo como algo negativo ou como algo “doutrinário”. Quando o sujeito diz algo “carregado de ideologia”, o faz porque independentemente daquilo que se enuncia, qualquer que seja o conteúdo do seu dizer, inevitavelmente, haverá um posicionamento ideológico, pois, quando enunciamos, estamos automaticamente nos posicionando diante de determinado estado de coisas. Segundo Faraco (2009),

Aqui é importante lembrar que, para o Círculo, a significação dos enunciados tem sempre uma dimensão avaliativa, expressa sempre um posicionamento social valorativo. Desse modo, qualquer enunciado é, na concepção do Círculo, sempre ideológico – para eles, não existe enunciado não ideológico. E ideológico em dois sentidos: qualquer enunciado se dá na esfera de uma das ideologias (i.e., no interior de uma das áreas da atividade intelectual humana) e expressa sempre uma posição avaliativa (i.e., não há enunciado neutro; a própria retórica da neutralidade é também uma posição axiológica) (p. 47).

Dessa maneira, o enunciado é o suporte que materializa a ideologia, ou seja, “essa atitude avaliativa se materializa no tom, na entonação do enunciado (a palavra realmente pronunciada não pode deixar de ser entonada)” (FARACO, 2009, p. 24). Quando olhamos para os enunciados de Hilly, eles sempre materializam uma ideologia racista, enquanto as empregadas e Skeeter enunciam de forma a encarnar uma ideologia antirracista, isto é, um posicionamento valorativo oposto ao atual estado de coisas. Em resumo,

As concepções de mundo, as crenças e mesmo os instáveis estados de espírito ideológicos também não existem no interior, nas cabeças, nas “almas” das pessoas. Eles tornam-se realidade ideológica somente quando realizados nas palavras, nas ações, na roupa, nas maneiras, nas organizações das pessoas e dos objetos, em uma palavra, em algum material em forma de um signo determinado. Por meio desse material, eles tornam-se parte da realidade que circunda o homem” (MEDVIÉDEV, 2012, p. 48-49).

Fundamentalmente, todo enunciado materializa as mais diversas ideologias, isto é, é na palavra que podemos tornar a ideologia algo tangível. Dessa maneira, percebemos como os conceitos da teoria bakhtiniana se perpassam em todo o momento, de maneira que não podemos tomá-los como isolados uns dos outros. Sumariamente, os sujeitos se posicionam a partir de seus enunciados, que por sua vez são ideológicos e entram em embate com todos os outros enunciados já ditos, ao mesmo tempo que pressupõem uma resposta; é nesse meio que o sujeito se constitui e altera em suas relações dialógicas, isto é, na alteridade. De acordo com Medviédev (2012),

O homem social está rodeado de fenômenos ideológicos, de “objetos-signo” dos mais diversos tipos e categorias: de palavras realizadas nas suas mais diversas formas, pronunciadas, escritas e outras; de afirmações científicas; de símbolos e crenças religiosas; de obras de arte, e assim por diante. Tudo isso em seu conjunto constitui o meio ideológico que envolve o homem por todos os lados em um círculo denso. Precisamente nesse meio vive e se desenvolve a sua consciência. A consciência humana não toca a existência diretamente, mas através do mundo ideológico que a rodeia (p. 56).

Desse modo, podemos entender que as personagens do filme estão inseridas em um contexto social, histórico, político e cultural que considera os negros como seres humanos não só diferentes, mas como inferiores aos brancos. Isso acontece devido ao histórico de escravidão dos países imperialistas, que buscavam a expansão e tinham o desejo de se tornarem potências mundiais em detrimento de milhares de vidas humanas. O racismo justificado “cientificamente” e corroborado por séculos para o benefício dos brancos capitalistas é a materialização da ideologia da supremacia branca. Como as patroas brancas são beneficiadas às custas do trabalho duro de suas empregadas, elas decidem ratificar esse tipo de sociedade. Skeeter, entretanto, não acha certo que os negros sejam vistos e tratados como inferiores, provavelmente, influenciada pelos movimentos abolicionistas. Assim como Skeeter, as empregadas negras também buscam enunciar contra a estrutura racista a que estão submetidas, de modo que vemos a materialização da ideologia antirracista.

É dentro desse contexto turbulento de embate de diferentes (e até mesmo opostas) vozes sociais que os enunciados se relacionam e, conseqüentemente, os sujeitos emitem os seus posicionamentos valorativos sobre determinado objeto. Dentro desse embate, os dois lados saem alterados, ainda que as suas vozes estejam em consonância, considerando que “não se pode interpretar as relações dialógicas em termos simplificados e unilaterais, reduzindo-as a uma contradição, luta, discussão, desacordo. A concordância é muito rica em variedades e matizes” (BAKHTIN, 2011, p. 331).

O embate de vozes sociais que se dá por meio da linguagem é permeado por dois tipos de forças opostas: a centrífuga e a centrípeta. As forças centrípetas são aquelas que buscam centralizar os valores, os pensamentos, os ideais a fim de estabilizar a concepção de mundo de uma determinada sociedade, isto é, estão a serviço da ideologia dominante vigente em determinado espaço e tempo. As forças centrífugas, por outro lado, são aquelas que buscam desestabilizar o atual estado de coisas, descentralizando a visão de mundo dos sujeitos da sociedade. De acordo com Melo (2017),

É por isso que não entendemos as forças centrípetas e centrífugas desvinculadas dos movimentos socioideológicos, e, portanto, políticos, ‘da centralização cultural, nacional e política do mundo verbal-ideológico’. Assim, nas baixas camadas socioideológicas não oficiais, ‘por baixo’, como fala Bakhtin, agem as forças centrífugas, de descentralização, materializadas, no mundo verbal-ideológico, no discurso jogralesco dos ‘palcos das barracas de feira’ (p. 50).

Dessa maneira, percebemos tais forças como sendo a materialização e o embate entre os interesses das classes dominante e dominada. Tal dinâmica aparece de maneira muito evidente em *Histórias Cruzadas*: enquanto as patroas buscam manter o racismo como um sistema legítimo, as empregadas, junto de Skeeter, assumem uma postura que procura desfazer esse mesmo sistema. Segundo Volóchinov (2017), “na ideologia dominante o signo ideológico é sempre um pouco reacionário, em uma espécie de tentativa de estabilizar o momento anterior do fluxo dialético da formação social, ou seja, de enfatizar a verdade de ontem como se fosse a verdade de hoje” (p. 115-116). Assim, sendo, a “verdade de ontem” no contexto do filme é a escravidão dos negros como sendo seres humanos inferiores, isto é, a classe dominante se incumbem de legitimar a ideologia racista para manter seus privilégios. É no interior dessa conjuntura formada pela interação social e pelo embate entre as mais diversas vozes e forças que o sujeito consitui a sua concepção de mundo e, conseqüentemente, a sua identidade para agir no mundo.

O ato, de acordo com Sobral, “trata-se da ação concreta (ou seja, inserida no mundo vivido) intencional (isto é, não involuntária) praticada por alguém situado, não transcendente. Destaca-se, assim, o caráter da ‘responsabilidade’ e da ‘participatividade’ do agente” (SOBRAL, 2005, p. 20). O conceito de responsabilidade, proposto por Sobral, “une responsabilidade, o responder pelos próprios atos, a responsividade, o responder a alguém ou a alguma coisa” (SOBRAL, 2005, p. 20). Dessa maneira, a teoria bakhtiniana discute o ato considerando duas teses:

De um lado, a ideia de que o sujeito humano é marcado pela ausência de ‘álibi’ na vida, isto é, de que cada sujeito deve responder por seus atos, sem que haja uma justificativa a priori, de caráter geral, para seus atos particulares, e, de outro, a idéia de que a entoação avaliativa, ou a assunção de uma dada posição no mundo humano, é a marca específica do agir dos seres humanos (SOBRAL, 2005, p. 104).

Assim, cada sujeito deve se responsabilizar por cada ato que pratica, enquanto sujeito singular, que ocupa um lugar individual e insubstituível no curso da vida, de maneira que não pode apresentar alibi para justificar as suas decisões. No filme, vemos que as personagens se encontram em um contexto de tensão entre duas vozes sociais: de um lado, a ideologia da supremacia branca, de outro, a subversão. Quando cada uma das personagens assume uma das duas vozes, elas o fazem de maneira consciente e, por isso, devem ser responsabilizadas pelo modo como decidem agir dentro de suas realidades.

2.4. O nó patriarcado-racismo-capitalismo

Usamos o conceito de gênero como um elemento decisivo para a construção da identidade do sujeito, todavia, não estamos inseridos em uma sociedade somente patriarcal, mas também racista e capitalista. De acordo com Saffioti (1997),

Constituído em classe, em raça/etnia e em gênero, o sujeito metamorfoseia-se dentro destes limites. Trata-se, em outros termos, de três faces, de três identidades sociais do sujeito, todas igualmente importantes para que ele atue na construção de uma sociedade sem desigualdades, como as que separam pobres de ricos, mulheres de homens, negros de brancos. As três identidades estão sempre presentes, embora não com o mesmo vigor. Dependendo da situação histórica vivenciada, uma delas pode apresentar mais relevo, e freqüentemente o faz. Há circunstâncias em que a identidade de gênero fala mais alto, mas há outras em que a de classe ou a de raça/etnia está neste caso (p. 76).

Dessa maneira, Heleieth Saffioti nos apresenta o chamado nó patriarcado-racismo-capitalismo, em que os sujeitos são constituídos a partir de seu gênero, sua raça e sua classe. Dentro desse sistema, essas três condições atuam juntas para construir a maneira como se dará a existência dos sujeitos dentro da sociedade. Por conta dessas três dimensões, é possível que os movimentos sociais apresentem contradições ao não tratarem de todas as opressões sofridas pelos indivíduos. De acordo com Beauvoir (2016, p. 177), “as mulheres não são solidárias enquanto sexo; acham-se primeiramente ligadas à sua classe; os interesses das burguesas e os das mulheres proletárias não coincidem”. Por conta disso, podemos observar que as mulheres também podem estar em uma posição de superioridade em relação às outras, uma vez que estamos lidando com uma sociedade racista e capitalista, ou seja, as mulheres ricas e brancas possuem o poder de oprimir mulheres pobres e mulheres negras, e, principalmente, mulheres pobres e negras.

Essa relação é muito evidente no filme *Histórias Cruzadas*, pois, as patroas brancas usufruem de um privilégio alicerçado no sofrimento que as empregadas passam apenas por serem negras. As empregadas, enquanto negras e pobres, passam pelas mais diversas humilhações, mas precisam do emprego. Hilly, a patroa mais racista entre as personagens, decide criar um projeto de lei que obriga as

famílias que possuem empregadas negras a construírem um banheiro do lado de fora das casas para que as trabalhadoras possam fazer suas necessidades. Isto é, a patroa não demonstrou nenhum sentimento de solidariedade para com a sua empregada, além disso, busca aumentar cada vez mais a segregação existente entre as duas. Portanto, a raça aparece como fator decisivo na divisão do grupo social das mulheres. De acordo com Saffioti (1987),

A sociedade não está dividida entre homens dominadores de um lado e mulheres subordinadas de outro. Há homens que dominam outros homens, mulheres que dominam outras mulheres e mulheres que dominam homens (...). A divisão da população em classes sociais, profundamente desiguais quanto às oportunidades de 'vencer na vida', representa outra fonte de dominação, considerada absolutamente legítima pelos poderosos e por aqueles que se proclamam neutros, o mesmo se passando com as diferenças raciais e ou étnicas" (p. 16).

Assim, vemos a hierarquia que se constrói nas personagens do filme: as mulheres brancas e com boa condição financeira se encontram em uma posição de dominação sobre as empregadas negras. No contexto altamente racista, as empregadas só conseguiram causar um grande impacto social na comunidade em que viviam a partir da iniciativa de uma mulher branca, Skeeter, que reconhecendo o seu privilégio e percebendo que ele depende do sofrimento diário das empregadas, decide abrir uma brecha no sistema e fazer com que as mulheres negras sejam ouvidas. Portanto, ao pensarmos em igualdade social, é necessário refletirmos sobre esse nó construído por um sistema que entrelaça patriarcado-racismo-capitalismo. Uma visão de mundo pautada nas experiências do homem adulto branco e rico, portanto, não pode ser admitida como a única visão de mundo.

Apresentamos esse conceito de nó, pois, não podemos pensar na construção da mulher como um ser abstrato, uma vez que os sujeitos são construídos a partir das condições concretas de sua existência. Tais condições passam pelas estratificações de raça e classe. Portanto, a opressão sofrida pelas mulheres brancas e pelas mulheres negras é distinta, assim como é distinta a opressão sofrida pelas mulheres brancas ricas e pelas mulheres brancas pobres.

3. Material e Métodos

A presente proposta de pesquisa parte das reflexões realizadas pelo Círculo de Bakhtin. Ao entender a arte como um reflexo e refração da vida, isto é, a arte como uma nova maneira de entender e alterar as relações que se dão na vida, é possível refletir sobre um enunciado artístico pensando nas questões sociais e ideológicas apresentadas, que por sua vez, surgem na vida. Por isso, a escolha do filme *Histórias Cruzadas* se dá pela possibilidade da discussão das questões de classe, raça e gênero, ainda muito necessária atualmente. Além disso, a teoria bakhtiniana pensa a interação comunicativa como forma de construção e alteração dos sujeitos, o que pode ser observado, no filme, nas histórias que se cruzam. Portanto, para a realização da presente proposta de pesquisa, que tem como objetivo

analisar e refletir acerca da maneira como se dá a construção e alteração das cinco personagens principais por meio de suas interações em um determinado contexto sócio-histórico, foi necessário realizar a escolha de algumas partes específicas do filme em que fosse possível observar as interações comunicativas.

Para a realização da análise, foram retirados fotogramas que compõem algumas das cenas em que as personagens interagem e são alteradas a partir do contato com o outro. A análise utilizou-se do método dialético-dialógico, proposto por Paula et al (2011), pois, a teoria bakhtiniana tem como cerne o conceito de dialogia, isto é, é o diálogo que permite a construção dos sujeitos e do mundo. A ideologia, os valores e os posicionamentos nunca são imóveis, pois, num movimento circular de relação com o outro, vão se modificando. De acordo com Paula et al (2011), “para o Círculo, o movimento é dialógico (ou dialético-dialógico) porque, apesar de considerar o movimento dialético (com todos os seus elementos: tese, anti-tese e síntese), não admite a síntese como superação, mas como continuação do diálogo travado anteriormente” (p. 14). Dessa maneira, o que interessa para nós é a alteração que ocorre a partir do movimento que se dá no embate das vozes (que materializam visões de mundo e ideologias) das personagens, sejam elas opostas ou convergentes.

A utilização das imagens foi necessária, uma vez que propomos uma análise verbivocovisual. De acordo com Paula et al (2017), “a verbivocovisualidade diz respeito ao trabalho, de forma integrada, das dimensões sonora, visual e o(s) sentido(s) das palavras. O enunciado verbivocovisual é considerado em sua potencialidade valorativa”. Dessa maneira, é importante observar os elementos visuais, como, por exemplo, o posicionamento das personagens, a construção da cena, as expressões, o foco da câmera etc. Na dimensão sonora, nos atentamos, por exemplo, ao tom e ao volume da voz. Portanto, a interpretação e análise dos enunciados das personagens levou em conta as três dimensões da linguagem.

4. Análise e Resultados

A primeira cena do filme mostra Skeeter dando início às suas anotações sobre os relatos das empregadas negras. A câmera mostra o caderno e o título que as anotações recebem: *The Help*, em tradução livre, *As Ajudantes*. O título é o mesmo que será escolhido para o livro que será publicado, ao final do filme, contendo as histórias e denúncias das empregadas de Jackson contra o tratamento opressor que elas recebem de suas patroas brancas. Skeeter, ao empreender uma tentativa de promover a mudança em sua cidade, demonstra que ela não se encaixa no contexto social em que vive. Portanto, ela é a pessoa que, agindo responsabilmente, tanto no sentido de responder à algo (ao racismo) quanto no sentido de se responsabilizar pelo que faz (assumir uma atitude ética), dá início ao “levante” das empregadas.

Skeeter começa a ser caracterizada como um sujeito dissonante, pois, não está alinhada com a visão de mundo predominante em Jackson. Ainda no começo do filme, que é narrado por Aibileen Clark, uma das empregadas, a câmera mostra Skeeter dirigindo sozinha o seu carro. A câmera abre gradualmente o plano, a fim de mostrar Skeeter bem pequena em meio ao grande campo que cerca a estrada. Ao mesmo tempo, Aibileen diz que Skeeter é diferente das mulheres de Jackson, que estavam se casando e tendo filhos. A cena constrói a personagem como alguém que busca desconstruir o padrão de feminilidade. Por isso, assim como Skeeter enuncia e age de forma subversiva em relação à ideologia racista, ela também subverte a ordem patriarcal.

Dessa maneira, ela materializa, por meio de seus enunciados e atos, uma ideologia oposta à ideologia dominante, ou seja, há a atuação, por meio da personagem, das forças centrífugas, que buscam descentralizar as visões de mundo. A aparência física da personagem também é um fator que colabora para essa caracterização da dissonância. As patroas brancas no filme sempre aparecem com os cabelos lisos, volumosos e modelados de maneira imponente, além de exibirem vestidos elegantes e muitas jóias. Skeeter, por outro lado, sempre aparece com seu cabelo natural, cacheado e com vestidos e sapatos simples. Assim, há a materialização da personalidade e visão de mundo da personagem por meio do modo como ela escolhe se expressar fisicamente.

Ainda no começo do filme, a câmera mostra uma escada separada com a indicação de “colored” (“de cor”, em tradução livre), isto é, há uma evidente (e prevista por lei) segregação racial contra as pessoas negras. Após essa cena, a câmera focaliza o olhar de Skeeter, que encara a escada. Assim, leitor pode pressupor que ela não está alinhada com aquele tipo de perspectiva. Após isso, a câmera mostra a bandeira do Mississippi no topo do prédio do jornal que Skeeter trabalharia. A bandeira porta o símbolo dos Estados Confederados da América, que foi utilizado pelos estados sulistas durante a Guerra Civil para defender a prática da escravização. A bandeira é focalizada de baixo para cima enquanto o plano se abre gradualmente, isto é, aquele símbolo de opressão contra os negros não está apenas no topo de um prédio, mas está, de fato no “topo” dos valores da sociedade que será apresentada.

Na primeira reunião das patroas, em que elas se juntam para jogar jogos de baralho, as cenas mostram que as mulheres brancas se divertem enquanto jogam e conversam. Aibileen sempre fica posicionada de maneira periférica em relação às mesas, o que demonstra a marginalização espacial e, conseqüentemente, social das trabalhadoras negras, que têm a servidão como único dever. Dessa maneira, ficam demarcados os limites entre os espaços que podem, de um lado, ser ocupados pelas mulheres brancas e, de outro, pelas mulheres negras. Assim, a ideologia racista é materializada a todo momento ao decorrer do filme para marcar quais são os valores dominantes em Jackson, incorporados pela maioria dos sujeitos.

Na mesma reunião, Minny Jackson, também empregada e melhor amiga de Aibileen, além de ser uma personagem muito importante para o desenvolvimento da narrativa, reclama sobre a maneira

como Hilly, sua patroa, está regulando o seu papel higiênico. Ao reclamar, Minny não apresenta tom de voz e nem expressão facial resignada ou triste, mas mostra revolta, indignação. Ela diz que teria que “matar aquela mulher”. Assim, as primeiras falas da personagens começam a construir a singularidade da sua identidade como sendo um sujeito que carrega e externaliza um sentimento de revolta. É nesse momento que se inicia a discussão, propriamente dita, materializada pelas personagens, sobre o racismo, uma vez que Hilly começou a controlar a quantidade de papel higiênico que sua empregada deveria utilizar.

Hilly, patroa de Minny, é uma personagem que tem a sua identidade construída em oposição à Skeeter. Por conta disso, ao decorrer do filme, é possível observar os vários embates que se travam entre as duas personagens por conta de suas visões de mundo contrárias. Diferente de Skeeter, que apresenta enunciados e atos subversivos, Hilly é a personagem que busca fazer a manutenção da ideologia dominante e, dessa maneira, assume um discurso reacionário com vistas à impor uma visão de mundo ultrapassada, sustentada por uma ideologia escravocrata. Hilly e Skeeter são pertencentes à classe alta e são brancas, por isso, compartilham uma experiência parecida. Entretanto, como cada sujeito possui a sua singularidade e a sua existência se dá de maneira única, as duas personagens assumem duas visões de mundo e, assim, posicionamentos completamente diferentes, ou melhor, opostos.

A personagem de Hilly, portanto, é caracterizada como vilã, uma vez que o enunciado fílmico apresenta um discurso que busca refutar os valores racistas enquanto ela os afirma incessantemente. Dessa maneira, as suas amigas, também patroas, a enxergam como líder e todas precisam de sua aprovação para fazer ou falar algo. Na cena em que Hilly chega à reunião, câmera tem um enquadramento que coloca a personagem em uma posição superior, como em um palanque, olhando para suas amigas, abaixo. Hilly, assim como Skeeter, é a personagem que catalisa as mudanças naquela pequena sociedade, entretanto, as duas o fazem em sentidos contrários, por conta das valorações que cada uma carrega nas suas formações ideológicas.

Ainda na mesma reunião, Skeeter anuncia de maneira entusiasmada para suas amigas que conseguiu um emprego. A personagem fala de sua conquista como sendo, de fato, uma conquista. A resposta ao enunciado de Skeeter, entretanto, ocorreu de maneira contrária: as suas amigas ficaram decepcionadas com o fato de ela ter conseguido um emprego, mas ainda não ter namorado ou marido. Assim, pode-se observar o embate entre as duas vozes sociais, em que cada sujeito materializa por meio de seus enunciados os valores ideológicos que carregam e defendem. Skeeter é mais uma vez é caracterizada como um sujeito dissonante, pois, não compartilha das mesmas valorações que os outros sujeitos de seu contexto, uma vez que, sendo mulher, ela está focada em escrever e publicar um livro de maneira engajada. Daí, a oposição entre os sujeitos que incorporaram os valores patriarcais e aqueles que buscam romper com a tradição.

Após essa pequena discussão, Hilly começa a discutir com as suas amigas sobre a utilização dos banheiros pelas empregadas: a personagem defende que as empregadas negras devem ter um banheiro só para elas do lado de fora da casa. Dessa maneira, o discurso da personagem reforça os valores da ideologia escravocrata e corrobora com os pressupostos das Leis Jim Crow, que vigoravam na época. Hilly não se importa que Aibileen esteja ouvindo a conversa. Ao contrário, Skeeter se incomoda e tenta mudar de assunto. Assim, novamente, a linguagem é o meio no qual e pelo qual acontece um jogo de forças e interesses opostos entre as duas personagens.

Hilly utiliza-se, também, dos argumentos do racismo científico para sustentar o seu posicionamento ao dizer que as pessoas negras têm doenças diferentes das pessoas brancas. Quando Hilly produz esses enunciados, a câmera focaliza o rosto de Aibileen, que mostra uma profunda tristeza. Ao contrário de Minny, que disse que “mataria” a sua patroa, Aibileen expressa uma mágoa muito grande. Assim, a característica singular da identidade de Minny que prevalece durante o filme é revolta, enquanto Aibileen se mostra resignada e triste com aquela situação. Assim, vemos que Hilly é uma mulher que vive e pensa de acordo com os valores axiológicos de sua época e contexto: acha que o casamento é essencial, acha que os negros são de outra raça (inferior) e, portanto, devem ser segregados. Desse modo, observamos a dinâmica entre as forças centrípetas de seus enunciados e dos enunciados de Skeeter: enquanto a primeira deseja manter o *status quo*, a segunda busca quebrar com essa ordem, de maneira a descentralizar o pensamento daquela sociedade.

Dessa maneira, Skeeter tenta fazer com que as empregadas relatem como é, de fato, trabalhar para as famílias brancas. Aibileen é a primeira empregada para qual ela faz a proposta. Aibileen, inicialmente, resiste à proposta, pois, aquele é um período em que os negros sofriam linchamentos e mortes se ultrapassassem as barreiras estabelecidas. Por isso, ela argumenta que se ela contar tudo o que a deixa infeliz em seu trabalho, ela poderia morrer, já que é uma trabalhadora negra fazendo acusações contra uma mulher branca. Aibileen, até o momento, apresenta uma postura de resignação em relação às regras sociais vigentes, uma vez que desafiar-las sendo uma mulher negra, seria um atentado contra a sua própria vida. Skeeter, entretanto, não desiste e deixa seu número com a empregada, para o caso de ela mudar de ideia.

Portanto, Skeeter, a partir da relação com as empregadas, assume uma postura de empatia e busca, assim, tentar entender como é a vida do outro. Bakhtin nos mostra que é impossível se colocar no lugar do outro, pois, cada sujeito ocupa um lugar único e insubstituível no curso da vida. Por isso, o modo como Skeeter age é o modo como ela, estando no lugar em que está, tendo as experiências que tem e possuindo certos valores axiológicos, decide se posicionar e agir responsabilmente dentro do contexto em que se encontra. Assim sendo, os dois lados são enriquecidos com essa relação. Vendo que não é suficiente apenas se mostrar infeliz com aquele sistema, ela age de maneira a causar um impacto no *status quo*.

Após recusar a proposta de Skeeter, o filme mostra Aibileen escutando as palavras de um pastor em um culto. O pastor diz que os fiéis precisam ser corajosos e ser corajoso é fazer o que é certo. Aibileen enxerga o enunciado do pastor como algo ligado ao enunciado de Skeeter. De maneira dialógica, o que Skeeter fala sobre a tentativa de escrever a realidade por trás do trabalho de empregada relaciona-se responsivamente ao enunciado do pastor sobre a coragem. Desse modo, Aibileen consegue entender os enunciados como elos na cadeia discursiva. Assim, Aibileen é alterada na relação com as outras personagens e passa a refletir sobre o que significa ser corajosa em um contexto como o dela.

Além disso, Hilly demite Minny, melhor amiga de Aibileen, por ela ter usado o seu banheiro em um dia de temporal. Minny, numa atitude de enfrentamento (característica específica da personagem), depois de ter sido expulsa do banheiro, solta a tampa do vaso sanitário e puxa a descarga com calma. Hilly fica muito revoltada, de maneira que a câmera se divide entre o que acontece dentro do banheiro e o que acontece fora: dentro, Minny sendo “desrespeitosa” com a sua patroa; fora, Hilly gritando e batendo na porta para que Minny saia. Aqui, há um embate entre as duas personagens e há o confronto entre as forças centrípetas e centrífugas, a primeira é materializada pela empregada e a segunda é materializada pela patroa. Hilly fica tão revoltada que demite a sua empregada na hora. O que era “só uma chuvinha”, segundo a patroa, era, na verdade, um tornado que causou mortes. Mesmo com esse tempo, Minny é obrigada a deixar a casa. Quando ela sai da casa a câmera mostra Minny indo embora embaixo da chuva em contraste com uma placa que diz “Jardim do Mês”. Isso mostra como aquela sociedade busca viver uma vida de aparências, de fachada, que se sustenta com a exploração das mulheres negras. Hilly, que é uma pessoa maldosa, possui o jardim mais bonito do mês, mas esse é o lugar onde uma empregada precisou passar, embaixo de um temporal fortíssimo, só por ser negra.

A partir disso, Aibileen, a personagem que antes era mais resignada, a partir de sua relação com Skeeter, das palavras do pastor e das atitudes de Hilly, começa a ter uma nova percepção e acreditar que é necessário agir de maneira subversiva e, então, aceita dar o seu relato à Skeeter, para a publicação do livro com as vivências das empregadas. Após a primeira conversa entre as duas personagens, Skeeter questiona o que fez Aibileen mudar de ideia, já que ela se mostrou tão resistente e com medo de participar de tal empreendimento. Aibileen responde que Deus foi o que a fez mudar de ideia, o que nos remete às palavras do pastor. Sua expressão facial apresenta um aspecto de consolação, como se Deus tivesse impelido-a uma tarefa e ela estivesse disposta a cumpri-la. Após, ela acrescenta que Hilly também a fez mudar de ideia. Isto é, Deus, de um lado, é o que oferece conforto e instiga a fazer o que é certo, de outro, Hilly, que, com sua atitude de ódio, desencadeou um sentimento de resistência. Portanto, as forças centrífugas e centrípetas também aparecem na relação dialógica entre Aibileen e Hilly. É somente a partir dessa relação de alteridade, isto é, com o outro, tanto com

Hilly quanto com Skeeter, que Aibileen decide fazer algo para denunciar o preconceito que as empregadas domésticas sofriam e assume uma postura subversiva.

Minnie, após ser demitida, começa a trabalhar para Celia Foote, uma mulher humilde que ascendeu socialmente devido ao seu casamento. A relação entre as duas personagens pode ser caracterizada como uma relação maternal, pois, ao decorrer do filme, as duas cuidam uma à outra. No primeiro dia de trabalho, para apresentar a casa à Minny, Celia a oferece uma Coca-Cola e coloca a mão no seu braço. Nesse momento, a empregada encara aquele contato físico, pois, a relação entre brancos e negros não acontecia desse modo. Celia fica muito feliz por Minny ter aceitado o trabalho e agradece com um abraço. A empregada, entretanto, a repreende, pois, sabia que os negros corriam risco de serem mortos ou linchados caso ultrapassassem as barreiras da segregação.

Celia nunca discutiu a questão da segregação racial, apesar de não ter tido atitudes racistas, ela não assumiu e externalizou uma consciência sobre a condição das mulheres negras. De maneira ingênua e natural, a sua postura com a empregada sempre foi de gratidão pelo trabalho realizado. A lógica da relação com pessoas brancas, para Minny, começa a mudar. Celia subverte a lógica de segregação de maneira ingênua. Mesmo sem apresentar uma postura ativista, ela materializa as forças centrífugas, uma vez age de maneira oposta ao que o *status quo* exigia. Quando Celia perde um de seus bebês, Minny assume uma atitude maternal e consola a patroa. A cena mostra Minny cobrindo sua patroa com um cobertor e tentando encorajá-la a superar a situação. Portanto, as duas personagens, em um processo dialógico, escutam uma à outra, sem relação hierárquica e sem imposições.

Enquanto Minny participa de uma nova relação, Hilly continua trabalhando para a intensificação do racismo. Em uma das cenas, Hilly é caracterizada mais uma vez como vilã. Enquanto a sua nova empregada apanha de policiais por ter roubado um anel de sua casa, todas as mães que estão no espaço viram as suas faces e de seus filhos na direção contrária e apresentam uma expressão de repulsa. Após isso, a câmera focaliza no rosto de Hilly e de seu filho. Ela assiste à cena de olhos meio cerrados e permite que seu filho, ainda muito novo, assista, com total naturalidade, uma pessoa apanhando de modo brutal. Assim, comprova-se que Hilly não estava preocupada apenas com o roubo de seu anel, mas o roubo foi um alibi que ela utilizou para poder justificar, mais uma vez, a sua postura em relação aos negros. O seu filho está aprendendo que a segregação e a violência contra os negros é natural. Dessa maneira, os policiais brancos ganham uma valorização positiva, pois, estão protegendo os cidadãos dos negros perigosos, avaliados com valores negativos. Sendo assim, há a manutenção da ideologia dominante, que, por sua vez, é reacionária e violenta as minorias sociais e étnicas.

Em outra cena, Hilly e as mulheres brancas comemoram a arrecadação de alimentos suficientes para doar para crianças africanas. A personagem, em posição de liderança, logo após, anuncia e comemora que a sua iniciativa de tornar obrigatória a construção de um banheiro do lado de fora da casa para as empregadas negras foi passada para o governador. Dessa maneira, Hilly tem como

objetivo a construção de uma identidade vista pelos outros como a de alguém altruísta. Entretanto, há uma incoerência na construção dessa identidade, uma vez que ela é declaradamente segregacionista.

Quando Minny decide conversar com Skeeter e Aibileen para a construção do livro com os relatos das empregadas, ela conta o que ela fez com Hilly, depois que foi demitida e acusada de roubo. Conhecida por ser uma boa cozinheira e saber fazer uma torta de chocolate muito boa, Minny prepara uma torta e oferece para a sua ex-patroa. Hilly continua tratando-a como de maneira rude. Então, Minny revela que havia fezes na torta, o que mostra a externalização da revolta, característica muito forte da personagem. Portanto, vemos a construção da identidade das personagens sendo construídas na oposição de valores ideológicos, mas as duas compartilham a característica de insubordinação, porém, Hilly utiliza-se dessa característica para perpetuar um sistema de opressão, enquanto Minny busca subverter esse mesmo sistema. As duas personagens agem de maneira combativa, porém, materializam vozes sociais opostas que se digladiam.

Quando Minny vai até a casa de Aibileen, ela se depara com Skeeter. Primeiro, ela olha para Aibileen, depois, encara Skeeter e, por fim, coloca as duas mãos na cintura ao virar-se para sua amiga. Dessa maneira, sem dizer uma palavra, Minny cobra explicações sobre o que está acontecendo. Aibileen não responde nada, pois, Minny logo diz que sabe o que as duas estão fazendo. Então, ela questiona Skeeter os motivos pelos quais ela quer coletar os relatos das empregadas e desconfia que ela queira prejudicar Aibileen. Assim, fica evidente o modo como os negros foram condicionados, por questões de sobrevivência, a olhar para os brancos: como inimigos. Minny, depois de ter trabalhado para a vilã Hilly, mostra muita resistência para lidar com os brancos, o que é compreensível, uma vez que a relação entre as duas se desenvolveu de maneira hierárquica e opressora, por conta da cor. O outro-para-mim, quando branco, é visto como uma ameaça para Minny. Mas a relação que ela desenvolverá com Celia, sua patroa, e Skeeter alterará a sua percepção.

Skeeter diz que não quer prejudicar Aibileen, pelo contrário, quer mostrar o outro lado da história sendo contado pelas próprias empregadas. Dessa maneira, se confirma o fato de Skeeter querer promover uma mudança na visão de mundo que as pessoas de Jackson, em geral, têm acerca do povo negro. Minny responde de maneira irônica, diz que é um “piquenique de 4 de julho” e começa a descrever os problemas que elas enfrentam no serviço. Antes de prosseguir, ela dá uma pausa em seu discurso e encara Aibileen. Após isso, ela fala sobre como é cuidar das crianças, que é o que Aibileen mais faz em seu serviço, e completa dizendo que, quando crescem, elas se tornam pessoas ruins como as suas mães.

Ao fazer essa conclusão, Minny volta a encarar Skeeter, ou seja, sem dizer com palavras, ela questiona com o olhar se Skeeter é como as patroas, uma vez que ela também foi criada por uma empregada negra. Mais uma vez, a discussão apresentada pelo filme toca na questão das crianças e dos adultos que elas se tornam, isto é, o modo como os valores reacionários e racistas e supremacistas são incutidos nos sujeitos que crescem naquele contexto como sendo avaliados ideologicamente como

verdadeiros e bons. Entretanto, Minny, posteriormente, vai aceitar dar seu relato à Skeeter e ajuda convencer mais empregadas a fazerem o mesmo.

Skeeter só consegue coletar os relatos de Minny e Aibileen. Ao contatar a jornalista de Nova York, Skeeter é aconselhada por ela a conseguir coletar o relato de pelo menos uma dúzia de empregadas domésticas para escrever o seu livro, caso contrário não daria certo. Skeeter, que só possuía os relatos de Aibileen e Minny, fica muito chateada e assume uma postura de desistência. Nesse momento, num evidente processo dialógico, Aibileen fala sobre a morte de seu filho como algo que a impulsiona a não desistir de denunciar o tratamento cruel que as empregadas, e os negros em geral, recebem. Aibileen diz que, para ela, todo ano, no dia em que seu filho morreu, ela não consegue respirar e diz à Skeeter: “mas para vocês é só outro dia de *bridge*”. Ao incluir Skeeter no “vocês”, ela faz uma generalização sobre os brancos e, dessa maneira, destaca que, mesmo que Skeeter queira escrever um livro para ajudar os negros de sua cidade, ela continua fazendo parte de um grupo privilegiado que não necessita da publicação de um livro como forma de denúncia e, possivelmente, de melhoria na sua condição de existência.

A relação entre Minny e Celia continua sendo uma relação de cuidado. Assim como Minny, que agiu de maneira maternal e cuidadosa com Celia quando ela sofreu um aborto, na cena abaixo, Celia cuida de Minny, que apanhou de seu marido. A patroa senta, numa posição de igualdade, de frente para Minny, enquanto limpa seu ferimento e aconselha a empregada a reagir à violência do marido. O processo dialógico que constitui a relação entre as duas personagens fica muito evidente, pois, é uma relação de troca, em que uma quer ajudar e cuidar da outra. Também é importante entender o ponto de vista de Celia sobre o acontecido, pois, ela, como mulher branca, provavelmente, possuiria as condições necessárias para sair de um relacionamento em que o marido era violento. Entretanto, o lugar social de Minny, marcado por sua condição social e econômica, não permite que ela simplesmente deixe a relação. Ela vai concretizar esse ato somente no final do filme, quando Skeeter divide o dinheiro da venda dos livros entre as empregadas, o que confirma a sua dependência financeira.

O marido de Celia conta à Minny que sua esposa contou sobre os abortos pelos quais ela passou (algo que, na cena em que Minny consola Celia, ela demonstrou que tinha muito medo que acontecesse). O marido complementa dizendo que Minny salvou a vida de Celia. Portanto, mais uma vez, vemos a relação das duas personagens como uma relação de amizade, de carinho. Algo que só a relação com a personagem de Celia, em seu lugar único no Ser, pôde construir em Minny. Dessa maneira, vemos a relação de alteridade entre as personagens as alterando como sujeitos e, assim, elas vão construindo uma nova visão de mundo de maneira conjunta. Celia pratica o exercício da empatia, que é a tentativa de deslocar-se de seu lugar único no Ser para ter um vislumbre de como seria a existência do outro. Dessa maneira, é possível observar o movimento circular do processo dialógico

na relação maternal entre essas duas personagens. Uma cuida da outra e, assim, rompem a ideologia dominante daquele contexto sócio-histórico.

Com a publicação do livro e do episódio em que Hilly come as fezes de Minny, Celia, que antes era também rejeitada por Hilly, pôde utilizar do escárnio para também desconstruir a categoria eu-para-mim de Hilly. Assim, a imagem que Hilly quis construir dela mesma durante todo o filme, de repente é desconstruída. Antes, ela se mostrava como um sujeito que liderava e causava sofrimento aos negros por prazer. Essa era a categoria do outro-para-mim que as pessoas com quem ela se relacionava viam sobre ela. Agora, o seu eu-para-o-outro não passa de uma piada. Assim, há a alteração da personagem por meio das relações e interações estabelecidas com as outras personagens.

A posição de liderança e coragem, após a publicação do livro, agora, recai sobre Aibileen. Todos as pessoas de sua comunidade sabem que ela foi a responsável por empreender a mudança naquele local. O pastor que aparece no início do filme, agradece à Aibileen e, num movimento dialógico, uma vez que ela teve a sua visão alterada a partir das palavras do pastor, recebe um livro assinado por todos os fiéis da igreja, já que o livro foi publicado de maneira anônima. Assim, a palavra do outro alterou Aibileen e, a partir dessa interação, ela assumiu um nova característica na sua constituição como sujeito: a coragem. Skeeter, por outro lado, consegue o emprego que ela tanto queria no jornal de Nova York, mas se sente responsável por ter deixado a cidade um pouco mais perigosa para as empregadas e acha que ela não pode se mudar, pois, deve ficar para lidar com o que ela construiu. Os problemas, como Skeeter previu, de fato, apareceram. Hilly fez com que a patroa de Aibileen a demitisse, com a desculpa de que um item de sua prataria havia sumido. Aibileen, finalmente, sai da postura de resignação e assume a coragem que construiu ao longo do filme por meio das suas interações com as outras personagens.

Aibileen, então, confronta Hilly e afirma que ela só sabe assustar e mentir para o conseguir o que quer. Dessa maneira, a empregada resumiu qual é a visão que os outros têm de Hilly, que sempre se afirmou como cristã e realizou eventos beneficentes para as crianças da África. Por isso, é chamada de herege pela empregada. Aibileen pergunta se ela não está cansada de agir desse jeito, levando Hilly aos prantos. Dessa maneira, vemos que a personagem da patroa teve sua identidade construída com base em valores autoritários, tiranos. Mesmo sendo segregacionista declarada, não era uma imagem negativa (aos olhos da sociedade da época) a que gostaria que os outros tivessem dela. Assim, vemos que, ao questionar Hilly, os valores de Aibileen polemizam de maneira direta com os valores que Hilly possui e com os valores que ela acha que possui, de maneira que Aibileen “tira a máscara” da patroa.

Logo após, a cena final mostra como Aibileen se apresenta após ter estabelecido todas as suas relações com as outras personagens. A personagem pôde enxergar um nova possibilidade para a sua vida. Isso somente aconteceu por conta das interações que ela teve com as outras personagens. Foi a partir da sua indignação com o modo como Hilly tratava a sua melhor amiga, Minny, a partir das palavras que escutou do pastor e a partir da proposta de Skeeter que Aibileen foi completamente

alterada como sujeito. Portanto, a partir dessa análise à luz da teoria bakhtiniana, pudemos ver como se dão as relações, sempre dialógicas, entre os sujeitos. O embate de vozes sociais materializado pelos enunciados (que carregam as forças centrípetas e centrífugas) das cinco personagens aconteceu em cada uma das situações de comunicação estabelecidas. Foi nas relações de interação com o outro que as personagens construíram as suas identidades. Portanto, seja na discordância ou na consonância de visões, o contato dialógico entre os sujeitos é o que os altera.

5. Discussão

A partir da análise, foi possível perceber que a nossa hipótese se confirma: os sujeitos se alteram a partir da relação com o outro. A teoria bakhtiniana tem a dialogia como elemento central em suas discussões. Dentro dessa perspectiva, a dialogia não é só um simples diálogo entre dois sujeitos, pois, até mesmo um monólogo interior é dialógico; dialógico no sentido de ser constituído por tudo o que veio antes e tudo o que virá depois. Assim, nunca enunciamos algo pela primeira vez, mas enunciamos como resposta a um enunciado anterior, ou seja, o que eu digo é uma produção composta por milhares de vozes que vieram antes de mim. Posso concordar, discordar, corroborar ou modificar, mas a relação está sempre ali. Ao enunciar, também espero uma resposta. Dessa maneira, tomamos o enunciado como um elo na cadeia discursiva.

É nesse contexto formado por relações que o sujeito também se constitui como sujeito. Só podemos nos construir como sujeitos a partir da relação que estabelecemos com o outro, pelo modo como somos vistos pelo outro e pelo modo como vemos o outro. Essas relações dialógicas estabelecidas pela interação entre os sujeitos sociais permitem que haja um embate de ideias. Assim, toda vez que há uma situação de comunicação, há um embate entre os posicionamentos dos sujeitos, o que não significa discordância. É nesse embate das vozes sociais (que materializam as ideologias) que os sujeitos se alteram e constituem as suas identidades.

Podemos ver isso em *Histórias Cruzadas*. Skeeter, com uma atitude empática e subversiva, tem o interesse de ouvir como é a vida das empregadas por suas próprias palavras. Skeeter não atende às expectativas sociais no que diz respeito ao que é considerado ser mulher, pois, tem a ambição de ser jornalista, não esposa. Além disso, o contato com a sua empregada Constantine fez com que ela desenvolvesse uma empatia pelas empregadas. Ao querer contar o outro lado da história, estabelece uma relação inicial com Aibileen, que passa por um processo que faz com que ela decida agir também de maneira subversiva, ainda que resignada. Inicialmente, Aibileen recusa dar o seu relato, mas depois de escutar as palavras do pastor sobre coragem e depois de se indignar com as atitudes de Hilly, Aibileen altera o seu posicionamento. Skeeter, ao se deparar com o baixo número de relatos, pensa em desistir da escrita. Entretanto, num movimento dialógico circular, Aibileen, que não queria dar o relato e foi convencida por Skeeter, agora, se encontra em uma posição que precisa convencer Skeeter a não

parar. No final do processo, uma empregada negra que tinha essa profissão como único destino, decide seguir o seu sonho de ser escritora.

Minnie, conhecida pelo seu mal-humor e por ser “insolente”, também decide, depois de certa resistência, relatar para Skeeter como é a sua vida como empregada. A relação que ela tem com sua patroa é uma relação desgastante, pois, Hilly é autoritária, reacionária e segregacionista e, apesar disso, tenta construir uma identidade de alguém altruísta. É por conta dessa relação que Minnie tenta evitar ao máximo a relação com os brancos. Entretanto, quando começa a trabalhar para Celia, desenvolve uma relação de amizade com a patroa, que sem perceber, trata sua empregada de maneira humanizada e subverte a ordem vigente. Portanto, a relação de Minnie com Skeeter e Celia mostrou que, dentro daquele contexto, poderiam haver algumas poucas pessoas boas.

As relações de alteridade revelam que Skeeter e Hilly, sendo brancas e estando em uma posição privilegiada e, por isso, compartilham experiências parecidas, se constituem de maneira oposta. Enquanto Hilly possui marido e filhos e faz de tudo para perpetuar a ideologia racista, Skeeter se recusa a buscar um marido, uma vez que privilegia sua carreira, além de que ela sempre tenta combater o racismo de sua amiga. Hilly também se constitui na oposição com Celia, pois, a primeira é autoritária, tirana, enquanto a segunda aparenta ser muito ingênua em relação ao contexto em que se insere. Minnie e Hilly são antagônicas por conta da etnia e dos seus valores, porém, compartilham a mesma característica de serem combativas, mas agem em polos opostos: uma, age para a manutenção do sistema e, a outra, para a destruição do sistema. Hilly, entretanto, é “desmascarada” por Aibileen, que, ao final do processo, conseguiu assumir uma grande coragem. Minnie e sua melhor amiga Aibileen também apresentam características divergentes, enquanto esta é resignada (não por opção, mas por necessidade), a primeira é “insolente”.

Portanto, à luz da teoria bakhtiniana, foi possível realizar uma análise que permite entender que é a partir da relação entre as personagens e suas características e valores que elas se alteram durante o filme. Assim, foi possível observar o movimento dialógico, cerne da teoria do Círculo de Bakhtin, que se dá no contato entre as experiências, ideologias e valores das personagens que, ao final do processo, se não modificou a visão de mundo das personagens, como aconteceu com Hilly, ao menos abalou as perspectivas, o que já é uma mudança. Dessa maneira, ao pensar na dialogia e na relação de alteridade presente nas interações das personagens do enunciado artístico, entende-se que esse enunciado surge de um solo social e, assim, permite pensar como as questões de classe, raça e gênero são fatores que moldam as experiências das personagens, que, por sua vez, refletem e refratam a experiência de sujeitos reais, construídos e alterados pelo outro.

6. Referências

AMORIM, M. *O pesquisador e seu outro – Bakhtin nas Ciências Humanas*. Rio de Janeiro: MUSA, 2004.

- BAKHTIN, M. M. (MEDVIEDEV). *Método formal nos estudos literários*. São Paulo: Contexto, 2012.
- BAKHTIN, M. M. (1920-1924). *Para uma filosofia do ato responsável*. São Carlos: Pedro & João, 2009.
- _____. (1929) *Problemas da Poética de Dostoievski*. São Paulo: Forense, 1997.
- _____. (1920-1974). *Estética da Criação Verbal*. (Edição traduzida a partir do russo). São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. (1975). *Questões de Literatura e de Estética*. São Paulo: UNESP, 1993.
- _____. *Freudismo*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- _____. *Cultura popular na Idade Média e no Renascimento – o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 2010.
- _____. *Questões de estilística no ensino da língua*. Rio de Janeiro: 34, 2012.
- BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. 3. ed. Campinas: UNICAMP, 2001.
- _____. (Org.). *Bakhtin: Conceitos-Chave*. São Paulo: Contexto, 2005.
- _____. (Org.). *Bakhtin: Outros Conceitos-Chave*. São Paulo: Contexto, 2007.
- _____. (Org.). *Bakhtin e o Círculo*. São Paulo: Contexto, 2009.
- _____. (Org.). *Bakhtin – Dialogismo e Polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009.
- BUBNOVA, T. Voz, sentido e diálogo em Bakhtin. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 1, n.6, p. 268-280, 2º semestre, 2011.
- DAVIS, A. *Mulheres, Raça e Classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- FARACO, C. A. *Linguagem e diálogo: as idéias lingüísticas do Círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar, 2003.
- FREITAS, M. T. A; Jobim e Souza, S. e Kramer, S. (Orgs.) *Ciências Humanas e Pesquisa – Leituras de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2003.
- MIOTELO, V. Ideologia. In: BRAIT, B. (Org.) *Bakhtin: Conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2017.
- PAULA, L. de; STAFUZZA, G. (Orgs.). “Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável”. Volume 1, *Bakhtin – Inclassificável*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.
- _____. “Círculo de Bakhtin: diálogos in possíveis”. Volume 2, *Série Bakhtin – Inclassificável*. Campinas: Mercado de Letras, 2012.
- _____. “Círculo de Bakhtin: pensamento interacional”. Volume 3, *Série Bakhtin – Inclassificável*. Campinas: Mercado de Letras, 2013.
- PONZIO, A. *A revolução bakhtiniana*. São Paulo: Contexto, 2008.
- SAFFIOTI, Heleieth. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- THE HELP. Direção: Tate Taylor. Produção de Chris Columbus, Michael Barnathan e Michael Radcliffe. Estados Unidos, Emirados Árabes e Índia: DISNEY/ BUENA VISTA (136 min), produzido por DreamWorks SKG, Touchstone Pictures e 1492 Pictures. Baseado no livro homônimo de Kathryn Stockett.
- VOLOCHÍNOV, V. N. *A construção da enunciação e outros ensaios*. São Carlos: Pedro & João, 2013.
- _____. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Editora 34, 2017.